

**Páginas da colonização:  
a análise das impressões jesuítas no Paraguai colonial**

**Elias Augusto Pereira Nascimento Paiva**

Mestrando em História – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo  
Bolsista – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

 <https://orcid.org/0000-0001-8956-2138>

E-mail: [elias.augusto@unesp.br](mailto:elias.augusto@unesp.br)



Resenha de:

VERISSIMO, Fernanda. *A impressão nas missões jesuítas do Paraguai: século XVIII*. São Paulo: EDUSP, 2022. ISBN: 978-65-87936-01-9.

**Texto recebido em: 16/09/2023**

**Texto aprovado em: 04/12/2023**

259

O campo da história do livro, ainda que direcionado de maneira principal para a análise de impressos e publicações, apresenta uma série de novas percepções acerca das mais diversas questões que permeiam a análise historiográfica. Entretanto, não são muitos os trabalhos que se debruçam sobre os impressos presentes no mundo colonial, uma vez que a própria impressão em si foi, por muitas vezes, proibida pelas metrópoles, dependendo de concessões institucionais para serem produzidas. É nesse contexto – o das impressões presentes nas missões jesuítico-guaranis do Paraguai colonial – que se insere o livro “A impressão nas missões jesuítas no Paraguai: século XVIII”, de Fernanda Verissimo, mestra e doutora pela Universidade de Paris-Sorbonne (Paris 4), publicado pela EDUSP em 2022.

A obra divide-se em três partes, que buscam analisar o papel da Companhia de Jesus, o local ocupado pelas impressões na América colonial e os livros impressos nas missões. A partir desse recorte é possível compreender as particularidades presentes nas produções impressas no contexto, assim como sua funcionalidade frente ao processo colonial que se impunha na região e buscava a

integração da população local, tendo como um dos pontos primordiais as publicações na língua local.

Os estudos relacionados a esse tópico descendem da necessidade de uma total compreensão do processo colonial e dos instrumentos utilizados pela metrópole para alcançar seus objetivos dentro dos territórios subjogados, sejam estes de integração ou subjugamento das populações nativas. Através da análise deste tipo de material pode-se visualizar como o trabalho dos jesuítas unia a tipografia e a linguística à religião, e qual era a importância dessa tarefa na perspectiva do poder colonial, apresentando novas informações e nuances para o debate historiográfico no que tange o período colonial no continente americano.

Fernanda Verissimo, de início, aborda os feitos e a organização da Companhia de Jesus, frente ao contato com povos diversos, tendo como foco as diferentes percepções dos jesuítas sobre as populações originárias de cada região onde sua presença se fazia necessária. O ponto central deste capítulo reside justamente nas diferenças culturais existentes em torno da imprensa e cultura letrada, uma vez que os nativos dos territórios asiáticos (notadamente China e Japão) já possuíam circulação de impressos entre a população, com usos e consumo bem estabelecidos, partindo de textos religiosos cotidianos até material para leitura infantil, enquanto que nos territórios americanos a imprensa ainda não era conhecida (e até mesmo proibida, como no caso da América portuguesa) e, mesmo as línguas que contavam com certa instrumentalização da escrita eram tidas como comunicação oral e desregrada. Dessa maneira, a ação dos jesuítas nesses diferentes territórios possuiria dessemelhantes focos e metodologias. A autora ressalta, ainda, como a impressão jesuíta encontrou ao longo de seu processo uma contradição primordial: sua necessária adaptação a outras culturas e povos para possibilitar a comunicação e compreensão, ao mesmo tempo que se fazia obrigatória a manutenção da ortodoxia e o ensino de práticas religiosas, de acordo com as definições institucionalizadas pelo Concílio de Trento.

O livro nos mostra como, devido aos contextos locais, a atuação dos religiosos da Companhia de Jesus na Ásia se voltava para aproveitamento desse consumo de impressos para efetuar a circulação dos preceitos e dogmas católicos entre a população, e a compreensão das línguas locais servia a esse propósito, aumentando o alcance e facilitando a abordagem dos eclesiásticos frente a população local. Já em terras americanas, a compreensão da comunicação local era vista com mais urgência, uma vez que para a evangelização ser efetiva, era

necessária a leitura e a compreensão das publicações de cunho religioso. Logo, havia uma primeira movimentação para que as línguas locais fossem organizadas gramaticalmente e, posteriormente, utilizadas na produção de material impresso para circulação no âmbito colonial. Isso foi perpetuado de certa forma, e com particularidades, ao longo dos territórios hispânicos e lusitanos na América, tendo como exemplos a preocupação dos jesuítas as línguas *Nahuatl* e *Cahita* no México, *Tupi Guarani* em território português, *Quíchua* no território do Peru e, no caso analisado pela autora, *Guarani* no Paraguai, pontuando sempre como a escolha dos missionários variava de acordo com a percepção acerca da utilidade das línguas e o alcance da circulação dos impressos.

Uma ressalva importante feita pela autora é como o período relativo ao início do século XVIII, que de forma geral significou um declínio do poder político e influência dos jesuítas, mostrou-se como um período de ascensão das reduções jesuítas no território paraguaio, de forma que o trabalho desenvolvido com a população Guarani era visto como uma vitrine do trabalho dessa Companhia.

Para Verissimo, ainda que a educação fosse relegada a elite local, pode-se afirmar que a população das reduções via os impressos como uma ferramenta familiar. Posto que os esforços de criação de uma escrita Guarani deram-se como concluídos, os materiais textuais estiveram presentes cotidianamente ao longo das reduções: cruces com escritos, artefatos religiosos de forma geral, demarcações de território e placas eram exemplos de um cotidiano envolto pela matéria escrita, ainda que nem toda a população fosse alfabetizada. Esse tópico se torna ainda mais perceptível, uma vez que após esse período áureo das reduções são factíveis os relatos e cartas trocados pela população nativa entre si ou produzidos pelos indígenas e endereçados a autoridades coloniais, ainda mais após a expulsão da Companhia das colônias hispânicas.

Já na segunda parte do texto, dialogando tanto com autores que retratam o contexto local, como a obra de Guillermo Furlong, quanto com estudos mais abrangentes, como o aparecimento do livro de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, o livro nos aproxima do universo das impressões na América colonial, trazendo desde um panorama geral até as impressões empenhadas pelos jesuítas nas missões paraguaias.

É colocado como ponto inicial uma diferença primordial entre as Américas portuguesa e a hispânica: ainda que sob uma série de restrições, a impressão na América espanhola era autorizada desde 1502, e, a partir de 1556, a licença real

deixou de ser exigida para a permissão da produção dos impressos. Por conta disso, a autora defende que ainda no início do processo colonial era perceptível a atenção dada aos impressos, tanto pelos administradores locais quanto pelo clero.

Compreendendo este tópico, torna-se tangível pensar que a impressão nas línguas locais era o próximo passo a ser dado na circulação de ideias e institucionalização do projeto colonial, ainda que fosse clara a noção de que as línguas europeias eram melhores e que o alfabeto latino era universal. A preocupação colonial para com a leitura dos indígenas é exposta por Veríssimo em duas frentes ao longo deste capítulo: A procura por uma produção própria para o catecismo e doutrinação e a proibição de textos considerados danosos para os possíveis leitores indígenas.

A primeira tratando efetivamente dos impressos religiosos direcionados aos Guarani, onde ao apresentar e localizar os primeiros catecismos e gramáticas na língua em questão, a autora atesta que a necessidade do ensino da doutrina nas línguas dos gentios era uma preocupação constante das autoridades religiosas, tendo inclusive demarcando tal tarefa no Concílio de Lima, onde ficou atestado que todo candidato a pároco de indígenas deveria conhecer o idioma de seus seguidores. A segunda se relaciona com o mercado de impressos de forma geral, pois ainda que houvesse circulação destes nas colônias, as restrições impostas pela coroa existiam e consideravam os indígenas como possíveis leitores: romances e histórias “vãs e profanas” tinham sua circulação impedida, pois poderiam ensinar vícios e maus costumes para os nativos.

Por mais que existissem restrições quanto a produção e circulação de impressos, Veríssimo mostra de que maneira a imprensa se desenvolveu por todos os territórios coloniais até a metade do século XVIII. Comprovando a interpretação de uma necessidade de circulação de textos por parte dos responsáveis pela regência colonial, assim como a avidez para o consumo por parte da população local (ainda que restrita as elites), isso se escora nos números finais de materiais impressos em terras americanas: foram 116 impressos no século XVI, 1.228 impressos no XVII e chegou-se ao mínimo de 7 mil obras impressas em território colonial hispânico ao longo do século XVIII. E mesmo que a maior parte das impressões fosse de teor religioso, havia um livre mercado que recorria às impressões para o lucro, de tal modo que alguns mosteiros se valiam dessa possibilidade para aumentar seus rendimentos.

Ao apresentar o contexto, a autora esclarece que desde os momentos iniciais das reduções jesuítas foi documentado que os responsáveis pelo gerenciamento colonial enxergavam a necessidade da existência de uma prensa local para que fossem impressos textos religiosos nas línguas locais, buscando alcançar, primordialmente, a população nativa alfabetizada e facilitar a dispersão dos princípios religiosos. Exemplificando essas questões: é demonstrada a importância de Antonio Ruiz de Montoya, padre que insistia na necessidade da impressão nas províncias paraguaias e que conseguiu levar para Madrid, em 1638, três manuscritos: *Tesoro de la lengua Guarani* (um livro gramatical), *Arte y vocabulario de la lengua Guarani* (o primeiro vocabulário da língua Guarani) e *Catecismo de la lengua Guarani* (livro inicial para o catecismo dos indígenas), imprimindo-os todos entre 1639 e 1640. Também é frisada a importância e referência da obra do padre José de Anchieta com o idioma Tupi para a percepção da importância de sua codificação voltada para a catequização adaptada ao contexto local. É com *Catecismo de la lengua Guarani* que se inicia a criação de uma linguagem cristã em Guarani, daí a singularidade do trabalho de Montoya para o processo de cristianização e estruturação colonial no âmbito religioso e cultural.

Além destes três textos, Montoya redigiu também uma narrativa, *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la C. de J. em las provincias de Paraguay, Parana, Uruguay y Tape*, sobre os conflitos entre as reduções e os temidos bandeirantes paulistas; narrativa que funcionava como argumentação em favor dos direitos indígenas e dos padres, e uma reivindicação pela proteção das reduções no contexto colonial hispânico.

Saindo dos tópicos de apresentação do trabalho de Montoya, o livro mostra como os padres responsáveis pela organização das reduções constantemente pediam a coroa para que fossem enviados para o Paraguai irmãos de diferentes nacionalidades, e que soubessem exercer os trabalhos necessários para a utilização da prensa. Problemática sanada a partir da determinação de que até um terço dos membros das missões em províncias da Espanha poderiam ser estrangeiros. De forma curiosa, ao longo de todo o tempo em que as missões estiveram operantes, a correspondência jesuíta e os inventários de suas bibliotecas possibilitam conhecer a cultura letrada, independente de os livros ali encontrados serem sacros, ou banais e efêmeros.

Outro ponto importante lembrado pela autora é a maneira como a redução não se continha apenas ao plano físico. O trabalho dos jesuítas e suas impressões

tinham o objetivo de também “reduzir” a língua Guarani, possibilitando então a criação de um Guarani jesuíta. Textos posteriores aos produzidos e impressos por Montoya mostram como a linguagem Guarani se adaptou ao contexto colonial, apresentando grandes alterações ao longo dos anos. Neste tópico, o texto também esclarece que os registros de variações linguísticas expõem como a língua Guarani demorava para alcançar a homogeneidade esperada pelos missionários. Enquanto língua escrita, o Guarani missioneiro ganha história e registra seu desenvolvimento.

Analisando o Guarani missioneiro, é debatida a ação de nativos em seu processo de escrita e “redução” da língua Guarani, citando nominalmente o caso de Nicolas Yapuguay, autor indígena reverenciado entre os europeus. O regime comunitário das missões não excluía a ideia de uma elite Guarani. Membros dessa elite poderiam desfrutar da educação jesuíta, para que, no caso de filhos de caciques, por exemplo, fossem escolhidos entre eles possíveis ocupantes de cargos de regência local ou de extrema importância social. Yapuguay, membro dessa elite local, teve participação ativa em uma série de impressos e evidenciou de maneira clara a participação ativa de indígenas em questões específicas da estruturação colonial, como a impressão, e não apenas como mão de obra ou de forma simplesmente artística, artesanal ou cultural.

Quando volta a tratar das questões mais práticas relacionadas a impressão, Veríssimo expõe que a impressão jesuíta nas missões ainda funcionava de maneira rústica, onde os artesãos missioneiros cumpriam todos os papéis da cadeia de produção do impresso. Além disso, apesar de não ser possível atestar com firmeza as motivações que levaram ao fim da impressão missioneira, argumenta-se que a falta de papel (ocorrida também em outros lugares do mundo) seria uma das causas responsáveis para isto. Esse retorno a questões práticas faz-se necessário, pois na sequência o livro segue para sua terceira parte.

Nesse trecho, o trabalho de pesquisa da autora se destaca: proporciona análise bibliográfica detida dos livros impressos nas missões. Veríssimo apresenta as particularidades de cada impressão, suas diferenças e semelhanças, a evolução das técnicas com o passar do tempo e aumento de recursos, marcas específicas dos trabalhos desse contexto.

Abordando mais de dez impressos, como *Martirologio romano*, *De la diferencia entre lo temporal y lo eterno* e *Arte de la lengua Guarani*, o livro apresenta tópicos suficientes para atestar que o processo de impressão empregado pelos jesuítas era bem mais complexo do que o imaginado previamente pela historiografia. Fica

evidenciado o caráter prático desses impressos e a impossibilidade de importação, uma vez que a produção de textos em línguas “americanas” na Europa era dificultosa a priori; ademais, os textos religiosos impressos nas colônias possuíam adaptações próprias para a evangelização e aproximação para com a população local. Mesmo com todos esses tópicos, ainda não há um esclarecimento total acerca de tamanha qualidade dos impressos, alguns em qualidade superior a de algumas impressões europeias, o que demonstra o cuidado empregado na produção desses materiais, assim como a possibilidade de uma circulação ainda maior do que a estipulada inicialmente.

Para concluir seu trabalho, Verissimo defende que apesar do projeto missionário da Província Jesuíta do Guarani inserir-se dentro dos movimentos propostos pela colonização europeia e integrar de forma clara as esferas jurídicas, política e militares da coroa espanhola, a partir dos momentos em que agiam considerando ser indispensável a ocupação dos territórios e a conversão dos nativos a fé católica, sua particularidade reside no fato de que há a criação de uma dinâmica local própria e individual.

Mesmo fazendo parte do processo colonial em sua forma ampla, as reduções jesuítas oferecem certa imagem de independência, principalmente após a segunda metade do século XVI, quando o perigo dos *paulistas* fora afastado de vez pelo exército Guarani.

Em um contexto em que a ordem jesuíta perde forças globalmente, o Paraguai missioneiro reside como o último bastião de prestígio dos jesuítas, estabelecendo uma organização local de regimento da política interna a partir de regulamentos locais e de aproveitamento de um vasto território para criação de gado e produção agrícola, notadamente erva-mate.

Neste momento, a prosperidade cultural do Paraguai frente as demais regiões coloniais hispânicas evidencia não apenas a prova da capacidade da população local, mas também de seu sucesso no processo de “reduzi-los” à civilização nos moldes europeus e à fé cristã. As impressões jesuítas funcionariam, para Veríssimo, como um papel simbólico da noção de civilização empregada nas reduções.

A codificação da língua Guarani e sua transmutação em “Guarani missioneiro” evidenciava o sucesso dos missionários e, não só isso, mas apresentava a participação de indígenas (chamados pelos missionários de “índios muy capaces”, por exemplo) de forma ativa nesse processo. Dessa maneira, mesmo que os vestígios da cultura material empregados pelos jesuítas não tenham

resistido ao tempo e que as ideias defendidas pelos seus padres não lograssem manutenção após a expulsão da Companhia de Jesus do território paraguaio, seus vestígios apresentam a ambição do projeto instituído durante a regência jesuíta na região; ambição esta que teria gerado ecos que ultrapassariam as questões religiosas, tomando de certa forma uma dimensão até mesmo filosófica.

Para além da análise do texto em si, é importante frisar o cuidado para com a organização do livro, a presença de um tópico apenas para apresentar a localização atual dos exemplares analisados. Ao fim do texto, demonstrou um cuidado para com o processo de pesquisa e rigor para com a apresentação dos dados utilizados e obtidos. Ademais, a preocupação da edição para com a presença de representações dos impressos utilizados é virtuosa, apresentando registros coloridos e de extrema qualidade, alocados de forma harmônica ao longo do texto, permitindo com que o processo de percepção dos tópicos abordados ocorra de maneira fluida.

Em suma, o livro “A impressão nas missões jesuítas no Paraguai: século XVIII” funciona como uma excelente introdução a temática dos jesuítas e suas reduções no Paraguai, contando-os a partir da história colonial hispânica. Disto, discorre sua abordagem da história das impressões e, mais especificamente, dos livros impressos nas missões.

**Elias Augusto Pereira Nascimento Paiva** é Mestrando e Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de Assis, São Paulo. Bolsista – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Como citar:**

PAIVA, Elias Augusto Pereira Nascimento. Páginas da colonização: a análise das impressões jesuítas no Paraguai colonial. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 2, p. 259-266, jul./dez. 2023. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br). Resenha de: VERISSIMO, Fernanda. *A impressão nas missões jesuítas do Paraguai: século XVIII*. São Paulo: EDUSP, 2022.